

AS FORMAS DE TRATAMENTO EM GRAMÁTICAS PEDAGÓGICAS CHILENAS E ARGENTINAS DO SÉCULO XIX

Forms of address in Chilean and Argentinian pedagogical grammar books in the 19th century

DOI: 10.14393/LL63-v42-2026-11

Fernanda Silva Freitas*

RESUMO: Durante o século XIX, *usted* já era amplamente utilizado na Península e na América Hispânica, enquanto *vos* circulava com valor familiar, embora com menor prestígio. Este trabalho analisa a descrição dessas formas de tratamento em quatro gramáticas pedagógicas publicadas entre 1880 e 1900 na Argentina e no Chile, com base na teoria de camadas de Pierre Swiggers (2009). Todas as gramáticas analisadas empregam *usted* em exemplos, sendo que apenas as argentinas o classificam como pronome. O *vos* familiar aparece apenas na gramática de Contreras Puebla (1895), enquanto o *vos* reverencial é mais frequente nas demais obras. Apesar do contexto de valorização nacional pós-independência, algumas gramáticas desaprovam regionalismos como o *vos* familiar. As análises indicam diferentes etapas de gramatização de *usted* nas obras analisadas, desde sua menção em exemplos até sua inclusão no quadro dos pronomes pessoais, revelando o peso da norma culta sobre as descrições gramaticais da época.

PALAVRAS-CHAVE: Gramaticografia. Língua Espanhola. Formas de tratamento. *Voseo*. Século XIX.

ABSTRACT: During the 19th century, *usted* was already widespread in Spain and Spanish-speaking America, while *vos*, used with familiar value, circulated with less prestige. This study analyzes the description of these forms of address in four pedagogical grammars published between 1880 and 1900 in Argentina and Chile, based on the layered theory by Pierre Swiggers (2009). All the grammars analyzed use *usted* in example sentences, with only the Argentinian ones classifying it as a pronoun. The familiar *vos* appears solely in Contreras Puebla's (1895) grammar, whereas the reverential *vos* is more common. Although post-independence nationalism promoted linguistic identity, normative attitudes prevailed in the works analyzed, and regionalisms like the familiar *vos* were disapproved of. The analysis reveals progressive stages in the grammatization of *usted*, ranging from its mention only in examples to its inclusion among personal pronouns, illustrating how the ideal of the cultured norm shaped grammatical descriptions at the time.

KEYWORDS: Grammaticography. Spanish Language. Forms of address. *Voseo*. 19th century.

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Uberlândia. Doutoranda, com bolsa FAPEMIG, do mesmo programa. ORCID: 0000-0001-5355-120X. E-mail: fernanda.sfreitas(AT)ufu.br.

1 Introdução

No âmbito dos estudos sobre a língua espanhola, há uma ampla produção dedicada à evolução das formas pronominais de tratamento, desde o latim até o espanhol contemporâneo. Paralelamente, são numerosos os trabalhos que se debruçam sobre a história da gramática da língua espanhola em distintos períodos. Os estudos voltados ao uso dos pronomes de tratamento recorrem com frequência às descrições gramaticais ou a outros textos teóricos e descritivos, não como fim em si mesmos, mas como ponto de partida para a reflexão e a busca por registros dos usos dessas formas.

É precisamente na interseção entre essas duas vertentes que se insere a presente pesquisa, cujo objetivo principal foi analisar a descrição das formas de tratamento nas gramáticas pedagógicas publicadas no final do século XIX na Argentina e no Chile, considerando as correntes de análise linguística então vigentes e examinando de que maneira são documentadas as condições de uso dos pronomes de segunda pessoa.

De maneira mais específica, buscou-se: descrever gramáticas pedagógicas de língua espanhola publicadas na Argentina e no Chile no fim do século XIX; analisar o registro das formas de tratamento em gramáticas publicadas na Argentina e no Chile no fim do século XIX e, finalmente, comparar diatopicamente a descrição e a prescrição do uso das formas de tratamento em gramáticas do fim do século XIX.

Quanto à hipótese de pesquisa, esperávamos que as gramáticas já apresentassem alguma menção aos usos das formas de tratamento *vos* (com valor familiar, especificamente) e *usted*, devido ao nível de consolidação que estas já apresentavam. Por outro lado, também já era esperado que essa menção não seria em uma aceitação completa de ambas as formas, isto é, que não se veria o uso de termos como *pronomes de tratamento* para classificá-las, por exemplo.

Considerou-se, ainda, a possibilidade de haver semelhanças entre as tradições gramaticais chilena e argentina, tendo em vista a proximidade geográfica entre os dois países e o fato de ambos terem vivenciado, ao longo do século XIX, processos políticos semelhantes, como a luta pela independência e a construção de uma identidade nacional. Por outro lado, o estado atual do uso das formas pronominais de tratamento em cada país pode apontar para diferenças na forma como essas sociedades responderam a essa mudança.

Ainda nesta primeira seção, apresentamos brevemente o contexto histórico de produção das gramáticas analisadas e o estado do uso das formas de tratamento no Chile e na Argentina durante o século XIX. Na seção seguinte, discutimos os aspectos teóricos necessários para esta discussão, como a teoria de camadas de Pierre Swiggers (2009). Na terceira seção, discutimos a metodologia empregada neste trabalho e, na quarta, expomos sucintamente os resultados encontrados. Por fim, na seção cinco, recuperamos as informações mais relevantes da discussão sobre as gramáticas analisadas e apontamos possíveis encaminhamentos para esta pesquisa.

1.1 Contexto histórico

O período entre 1880 e 1916 é denominado, nos estudos sobre a história da Argentina, como a República Conservadora. Segundo Gallo e Cortés Conde (1986, p. 56-57), durante o final da década de 1880 verifica-se uma diminuição significativa nos níveis de analfabetismo entre a população, o que seria não só um efeito da prosperidade econômica experienciada nesse momento, mas também como resultado direto de uma política sistemática do governo para erradicação do analfabetismo no país.

Outro aspecto importante no que diz respeito à educação durante a República Conservadora é a sua busca pela laicização da educação argentina. De acordo com Tedesco (2020, p. 208), uma vez alcançada a liberdade de cultos a nível constitucional, os liberais tentaram eliminar a vigência do catolicismo nas escolas públicas. De fato, a lei 1420, promulgada em 1884, define a educação como sendo pública, gratuita e obrigatória.

Quanto ao pensamento linguístico argentino nesse momento, mais especificamente no que diz respeito às discussões de ensino de língua materna, seguimos a proposta de Esteban Lidgett (2017). Nela, o autor propõe uma periodização da gramática escolar argentina em três fases. A primeira fase (1863–1884) caracteriza-se por um ensino humanista, com ênfase na gramática explicada e forte presença do latim e da gramática comparada (García Merou, 1901), influenciado pelas ideias de Bello e pela tradição filosófica francesa.

A segunda etapa (1884–1891), orientada pelo positivismo, reduz o foco na formação clássica e reforça um modelo normativo voltado à correção linguística, com ênfase nos vícios de linguagem e na ortologia. Nesse período, práticas linguísticas como o *seseo*, *yeísmo* e *voseo*

passaram a ser descritas como usos inadequados nos materiais escolares (Lidgett, 2017, p. 130). Já a terceira fase (1891–1936) mantém o viés prescritivista, mas reintegra os estudos de composição e incorpora conteúdos de linguística e etimologia, consolidando as particularidades da gramática escolar argentina até a reforma de 1936 (Lidgett, 2017, p. 141). As gramáticas argentinas analisadas neste estudo, de Soler de Martínez (1887) e de Monner Sans (1893), situam-se respectivamente na segunda e na terceira fase desse processo.

O panorama político do momento de redação das obras aqui analisadas é o de uma construção da república chilena. Segundo Zamorano Aguilar (2023, p. 167), nesse período, algumas mudanças importantes são produzidas, tanto no âmbito social quanto político: lei de imprensa, liberdade de ensino, liberdade de reunião ou voto universal masculino. Quanto à educação no Chile do século XIX, fundam-se o Instituto Nacional (1813), a Universidad de Chile (1842) (sendo Andrés Bello o primeiro reitor), as Escuelas Normales de Preceptores y Preceptoras (1842) e o Instituto Pedagógico (1889).

A segunda metade do século XIX foi marcada pela valorização da educação feminina e a profissionalização de seu ensino. O ensino de gramática ainda era, portanto, reservado à escola secundária e masculina, enquanto a educação feminina tinha um caráter fundamentalmente profissional e, com Miguel Luis Amunátegui no cargo de *Justicia, Culto e Instrucción Pública* (1876-1878), foi autorizado que as mulheres realizassem provas para obter títulos profissionais iguais aos que já eram concedidos aos homens. (González Jiménez, 2023, p. 23, *apud* Zamorano Aguilar, 2023, p. 168).

Nesse período, o governo chileno buscava consolidar um sistema educacional público alinhado aos ideais iluministas de progresso (Chávez Fajardo, 2022, p. 169). A promulgação da *Ley sobre Instrucción Secundaria y Superior* (1879) e a criação do *Instituto Pedagógico* (1889) foram fundamentais na profissionalização do magistério e na difusão de saberes científicos e humanistas. Um dos principais nomes ligados a essa fase foi o filólogo alemão Rodolfo Lenz, cuja atuação no Instituto Pedagógico introduziu no Chile correntes intelectuais da Alemanha do fim do século XIX, principalmente baseadas nas ideias de Wundt e Herbart (Valencia Espinoza, 1993, p. 139), influenciando diretamente sua visão da linguagem como fenômeno social e dinâmico.

A atuação de Lenz contrapunha-se à tradição normativa predominante na região, inclusive à gramática de Andrés Bello (1847), ainda que esta representasse um marco fundamental na tentativa de standardização linguística hispano-americana (Bargalló Escrivá, 2021, p. 218). Entre outras propostas inovadoras, destacou-se também a chamada ortografia chilena (1844), defendida por Bello, que visava simplificar a escrita ao adotar uma correspondência mais regular entre fonema e grafema.

Essa proposta chegou a ser adotada por autores como Hersilia Larenas de Herrera (1881), cuja gramática apresenta grafias coerentes com essa orientação. Apesar da coexistência com tendências descritivistas, persistia, ao longo do século, um movimento conservador nos estudos linguísticos, motivado pelo receio de fragmentação do espanhol, a exemplo do que ocorrera com o latim (Chávez Fajardo, 2022, p. 138). Assim, gramáticas e dicionários do período buscavam conciliar inovação com um desejo de unidade linguística, frequentemente condenando usos regionais considerados desviantes.

1.2 As formas de tratamento no século XIX

As zonas em que se encontra alguma forma do emprego de *vos* coincidem em geral com as regiões que, durante o período colonial hispano-americano, constituíram áreas marginais desde o ponto de vista administrativo e cultural (Torrejón, 1986; Carricaburo, 1997). Por isso, o fenômeno registrado no Chile e em outros países do Cone Sul (Argentina, Uruguai e Paraguai) não se verifica de maneira tão expressiva em países como México e em cidades como Lima, Bogotá e Caracas, onde prevaleceu o emprego de *tú* (ou *tuteo*) como o pronome de tratamento familiar no singular.

Na segunda metade do século XIX, estando fortes os movimentos de independência, observa-se um começo de criolização no espanhol da América, ainda que o sentimento de nacionalidade só venha a ter mais força nas primeiras décadas do século seguinte (Bieritz, 1982, p. 73). Assim, o sistema linguístico aí verificado começa a se estruturar seguindo seu próprio modelo sociocultural, aumentando as diferenças locais. Em cada país esse processo ocorreu de maneira diferente, principalmente no que diz respeito ao *voseo* familiar. Por ter evoluído concomitantemente com a norma culta, sem que se normatizasse um uso específico para

emprego de todas as colônias, o *voseo* desenvolvia-se de maneira diferente em cada região hispanofalante (Calderón Campos, 2010, p. 236).

A paisagem linguística que se formava durante o século XIX na Argentina era de forte contato entre o castelhano e outras línguas, devido ao forte fluxo de imigrantes europeus que chegavam ao país, alocando-se principalmente em Buenos Aires. Por mais que também tenham chegado muitos ingleses, franceses e russos, o grupo mais significativo é o de italianos, já que foi o que teve maior influência no espanhol falado nesse país (Lipski, 2011, p. 188). Nesse momento, já se verificava o uso do pronome *vos*, juntamente a outras formas pronominais.

Fontanella de Weinberg (1971) demonstra que o cenário do emprego de *vos* com valor familiar na Argentina teria se dado, provavelmente, de forma ininterrupta desde a invasão dos espanhóis ao território americano. No século XIX, segundo Angel Rosenblat, em seu texto *Las generaciones argentinas del siglo XIX ante el problema de la lengua* (1960), alguns usos hoje característicos do espanhol rioplatense já estavam bem difundidos, dentre eles, o *voseo* (Rosenblat, 1960, p. 543).

Em consonância com Capdevila, Vidal de Battini (1967) descreve o oposto sobre os usos dos falantes da região de Buenos Aires especificamente, referente às décadas de 1810 a 1840:

[...] en el habla de la región se mantenía el uso de los pronombres y las formas verbales correctas que el español de la Argentina ha perdido: tú, vosotros, os, cállate. El voseo era desconocido. Así lo afirman todos los documentos consultados, los investigadores y la tradición (Vidal de Battini, 1967, p. 4).

Essa informação se vê contrastada por um texto de Juan Cruz Varela, considerado o principal poeta do período rivadaviano¹, em que o autor elenca alguns “erros linguísticos” cometidos em diversos contextos. Dentre esses erros, está o *voseo*, em sua forma de imperativo: “*es generalísimo entre nosotros pero muy principalmente en los niños, el alargar las sílabas finales de los imperativos, y aún el agregarles una letra, diciendo v. gr., tomá por toma; corré por corre; vení por ven*” (Weinberg, 1964, p. 49).

Outra fonte que traz um emprego de *vos* são as cartas de María Guadalupe Cuenca de Moreno, datadas entre 1811 e 1826. Devido ao fato de que a autora tinha havia nascido no

¹ Período em que o político Bernardino Rivadavia esteve no governo em Buenos Aires (1821-1827).

então Alto Peru (atual Bolívia), seus usos não podem ser considerados uma prova conclusiva do comportamento linguístico bonaerense. No entanto, posto que Cuenca de Moreno continuou usando o *vos* mesmo depois de sua chegada em 1806, é possível supor que não era um uso contradizente com a fala local (Fontanella de Weinberg, 1971, p. 498).

A análise de outro conjunto de cartas, especificamente o da família Anchorena, revelou que o emprego de *vos* era verificado também entre os membros da elite de Buenos Aires e não se limitava à geração mais jovem, uma vez que a matriarca da família, Romana Josefa López de Anaya, nascida em 1754, também o fazia nas cartas. Outra informação sobre o uso das formas de tratamento dessa família é que o *vos* era empregado mesclado com as formas de *tú*.

Atualmente, há um emprego uniforme do *vos* em lugar de *tú* para a expressão da segunda pessoa do singular. Seu uso é aceito em todas as camadas sociais e em todos os contextos e, ainda que alguns indivíduos mostrem algumas ressalvas sobre o quão correto seria o emprego desse pronome, no geral trata-se de um uso adotado pelos argentinos como afirmação de sua identidade *criolla* (Lipski, 2011, p. 194).

O *voseo* argentino pode ser classificado como autêntico, por empregar o pronome arcaico *vos* combinado a formas verbais derivadas da segunda pessoa do plural, porém apresenta um paradigma pronominal misto, porque utiliza *te* como objeto e *tu/tuyo* como possessivo. A maior variação se encontra nas formas verbais empregadas junto ao pronome *vos*, apresentada de maneira resumida nos parágrafos seguintes.

O uso de *tú* é usado apenas por alguns falantes mais idosos e advindos de certas famílias tradicionais. Já o *vosotros*, por sua vez, desapareceu da linguagem oral e foi substituído por *ustedes*. Ainda que seja usado esporadicamente como um recurso de oratória, seu uso é considerado ‘forçado’ e pedante (Alvar, 1996, p. 216).

O cenário do emprego de *vos* no Chile durante o século XVIII e XIX não é tão amplamente documentado como se verifica em outros países², porém há alguns trabalhos em que podemos basear-nos para a análise. O Chile, assim como a região do Rio da Prata, não teve um influxo tão forte de membros da corte durante sua fase de vice-reinado, o que colaborou para que o uso de *vos* se estendesse amplamente, mesmo que nem sempre em todas as formas

² Destacamos o trabalho de Rivadeneira Valenzuela, Contreras Gutiérrez e Contreras Seitz (2018), que propõe um estudo de conteúdo epistolar, justamente visando preencher essa lacuna.

pronominais (Lapesa, 1970). Até o começo do século XVIII, essa era a forma preferida frente ao *tuteo*, que era verificado apenas entre novos imigrantes advindos da península ou daqueles falantes chilenos que, por questões comerciais e políticas, frequentavam regularmente a corte do vice-reinado de Lima (Branza, 2012, p. 145).

Houve uma marginalização e a diminuição do uso de *vos* no Chile a partir desse período (século XVIII), por motivos que em seguida se discutem. Essa diminuição, porém, não significa que o *voseo* tenha desaparecido do Chile; considera-se que tenha desaparecido apenas do repertório linguístico das classes alta e média, mas se manteve e servia como marca diferenciadora entre elas (*tuteantes*) as classes populares do âmbito rural e urbano (*voseantes*).

Durante a primeira metade do século XIX, o *voseo* verificado no Chile tinha formas diferentes daquelas observadas na Argentina, porém semelhantes em sua frequência de uso (Lipski, 2011; Kany, 1994). Em 1834, ao chegar no Chile, Andrés Bello relatou em sua obra '*Advertencias sobre el uso de la lengua castellana*' (1834) que havia se deparado com um uso difundido do pronome *vos*, porém sem as formas verbais atribuídas a esse pronome (*tomáis, coméis, viváis*, usos correspondentes ao *vos* reverencial/redução de *vosotros*, portanto) e descreveu ainda que escutava dos falantes algumas combinações como *vos sois, vos eres* e *tú eres* (Bello, 1940[1834], p. 57 *apud* Lipski, 2011, p. 224). Ainda em suas *Advertencias*, Bello aponta que a "ínfima plebe" usava a terminação *-ís* para o indicativo da segunda conjugação (-er) e para o subjuntivo da primeira (-ar).

Foi durante este século que a aprovação social do *voseo* teve uma queda significativa; muitos autores atribuem essa mudança à opinião negativa expressada por Andrés Bello sobre tal uso, ecoada e reforçada pelas escolas desse período. Isso resultou em um cenário em que a população considerada culta não empregava o *voseo*, tampouco suas formas verbais correspondentes (Kany, 1994, p. 92) e seu uso, associado principalmente às camadas sociais menos letradas, passou a ser considerado vulgar e rústico (Moreno de Alba, 2001, p. 178-179).

Devido ao status do *voseo* como característico desses grupos sociais e à ausência de uma aceitação oficial, há, hoje, diversas combinações híbridas resultantes de hipercorreção e da mistura dos paradigmas do *tuteo* e do *voseo* (Lipski, 2011, p. 225). A esse respeito, Kany (1994, p. 96) recupera um fragmento da obra de Echeverría y Reyes (1900, p. 77), intitulada '*Voces usadas en Chile*', e explica que:

También aquí ciertas gentes iletradas, en un esfuerzo por evitar lo que han oído que constituye una incongruencia gramatical, usan el tú + una forma verbal de segunda persona del plural: tú tomáis; o el vos + una forma verbal de segunda persona del singular: vos tomas (Kany, 1994, p. 96).

Por fim, outro uso diferente e interessante encontrado no sistema pronominal chileno é o emprego do pronome *usted* com valor familiar e afetivo, verificado em duas instâncias: entre parceiros em um casamento e desde um pai/mãe a seu filho. Nesse último caso, é interessante ressaltar que apenas se encaixa nesse uso o emprego de *usted* como demonstração de carinho. Em contextos como de repreensão da parte dos pais aos filhos, esse emprego de *usted* expressaria um distanciamento e não se encaixaria no fenômeno aqui descrito (Bieritz, 1982, p. 73-74).

2 Pressupostos teóricos

De modo a melhor separar as diferentes variáveis que interferem no processo de registro das formas de tratamento em manuais de gramática, nos valem da proposta de Swiggers (2004), que por sua vez foi adaptada da comparação desenvolvida por Peter Galison (1987, 1997). O autor comparava a ciência e sua história a um muro, o qual estava composto por três camadas: a camada *experimental* (que inclui os experimentos desenvolvidos em laboratório), a camada *instrumental* (o equipamento técnico e sua evolução) e a camada *teórica*. Para Swiggers, a análise em Historiografia Linguística poderia ser comparada da mesma forma, porém a um muro com quatro camadas em vez de três. São elas: a camada *teórica*, a camada *técnica*, a camada *documental* e a camada *contextual/institucional*.

A camada *teórica* corresponderia à visão global da linguagem, à concepção das tarefas e do status da linguística, enquanto a camada *técnica* inclui as técnicas de análise (linguística e/ou gramatical) e os métodos de apresentação dos dados. A camada *documental* refere-se à documentação linguística e filológica em que se baseia o estudo (número de línguas, tipo de fontes e dados, por exemplo). Por fim, a camada *contextual/institucional* corresponde ao contexto cultural e institucional, sendo este último referente ao pensamento dominante sobre as práticas linguísticas.

Ainda segundo Swiggers, as mudanças verificadas ao longo da história da ciência podem tanto resultar de uma evolução que ocorre apenas em uma das camadas, enquanto as outras não apresentam alteração conceitual ou técnica, quanto de uma mudança que se produz em mais de uma camada ao mesmo tempo (Swiggers, 2004, p. 134). Nossa análise trabalha principalmente com as camadas *teórica* e *documental*, já que nossa ênfase está em compilar e analisar os fragmentos das gramáticas que versam sobre as formas de tratamento, de modo a ver como são classificadas e descritas. Por outro lado, passamos também, de maneira secundária, mas não menos importante, pela camada *contextual*, buscando relacionar as discussões correntes do fim do século XIX sobre língua e identidade nacional com aquilo que é dito (ou não) nos manuais analisados.

No que diz respeito à estrutura de investigação proposta pela disciplina de Historiografia da Linguística, Swiggers (2013) explica que o trabalho historiográfico deve conter três fases: uma heurística, seguida de uma fase hermenêutica e, por fim, uma fase executiva. A fase heurística contempla a busca de informações sobre as fontes e sua disponibilidade, além de ser o momento em que tomamos nota dos pontos de vista e da terminologia adequada, levando em conta o contexto em que surgem as ideias e os termos utilizados.

A fase seguinte, hermenêutica, consiste na interpretação do conteúdo cotejado na fase anterior. Essa interpretação implica em uma comparação, segundo o autor, uma vez que frequentemente será necessário relacionar conceitos, autores e modelos. Por fim, na fase executiva, são demonstrados os resultados da pesquisa.

3 Metodologia

Na fase heurística deste trabalho, fizemos uma busca por informações extratextuais básicas das obras e dados dos autores. A quantidade de resultados dessa fase de busca variou entre gramáticas, já que em alguns casos, como o da gramática de Contreras Puebla (1895), havia pouquíssimos textos a seu respeito. Deste modo, a análise feita neste momento foi mais superficial e não se centrou no conteúdo das gramáticas. Apenas voltamos ao texto das obras para buscar informações como: noções de língua e norma propostas pelos autores, quantidade de classes de palavras, entre outros.

Em seguida, na fase hermenêutica, foi feita a identificação dos capítulos que tratavam diretamente dos pronomes e que mencionassem o conceito de formas de tratamento. É comum que as gramáticas desse período tratem dos pronomes tanto em seu capítulo de Morfologia, onde são apresentados, quanto em seu capítulo de Sintaxe, onde os autores detalham os contextos de uso de certas formas pronominais, como ocorre na obra de Vicente de Salvá (1835), por exemplo (Freitas, 2022, p. 22). Uma vez feita essa identificação, contrastamos as informações das gramáticas publicadas em um mesmo país e, em seguida, aquelas publicadas na mesma década. Por fim, comparamos as quatro gramáticas entre si e com as três gramáticas de referência.

Por fim, chegamos à fase executiva, onde comparamos os dados encontrados nas fases anteriores e buscamos sistematizá-los no formato de exposição mais adequado. Nossas opções eram, de acordo com o que propõe Swiggers (2013), a forma sequencial (narrativa), a forma tópica (cujo foco se encontra em um tema ou problemática) ou a forma combinatória, que se encontra entre o contexto e o conjunto de pontos de vista em certo ponto da história dos estudos linguísticos.

As formas tópica e combinatória foram as que se mostraram mais proveitosas para a sistematização dos dados encontrados. A tópica, por buscarmos as discussões sobre o mesmo tema (formas de tratamento) e a combinatória, já que aspectos do contexto de produção das gramáticas (país, outras obras publicadas no mesmo período) puderam ser relacionados ao que se documentou nelas sobre as formas pronominais de tratamento.

3.1 Metodologia de coleta

Apresentamos, nesta seção, os critérios e a justificativa para a delimitação do tema de pesquisa, periodização e agentes sobre os quais tratamos neste trabalho. Optamos por tratar das formas de tratamento em gramáticas pedagógicas chilenas e argentinas do século XIX por levar em conta a importância do século XIX na história do pensamento gramatical de língua espanhola e no processo evolutivo do sistema pronominal de cortesia/familiaridade desse mesmo idioma.

A escolha dos países Chile e Argentina se deu devido a seu atual sistema *voseante* de formas de tratamento, que difere daquele encontrado na Espanha e em outros países *tuteantes*.

Já a opção por gramáticas especificamente pedagógicas foi motivada pelo interesse em analisar quais aspectos da discussão sobre as formas de tratamento seriam considerados relevantes, nesse momento, para o estudo de castelhano nas escolas.

Desse modo, buscamos verificar como os pronomes *vos* e *usted* eram percebidos e tratados em quatro gramáticas ao final do século XIX, levando em conta o estigma desse primeiro e a consolidação relativamente recente desse último. Ademais, verificamos se certos elementos externos, como o ambiente de circulação (escolar) e o formato mais condensado próprio das gramáticas escolares, influenciariam o tratamento dado a esses pronomes. Os subtemas selecionados para este trabalho foram:

- 1) Dos prólogos, prefácios e introduções das gramáticas
 - a. Os termos ‘gramática’ e ‘norma’
 - b. Indicações das fontes e autores utilizados para a redação das gramáticas
- 2) Das seções dedicadas ao pronome
 - a. Definições gerais de ‘pronome’
 - b. Os termos ‘pronome de tratamento’, ‘cortesia’ ou ‘familiaridade’
 - c. Avaliações sobre o emprego de *vos* com valor familiar
 - d. Descrições dos contextos de uso de *usted(es)*
 - e. Exemplos de emprego de *usted(es)*

Os fatores mais importantes para a seleção das gramáticas foram seu ano de publicação, local de publicação e disponibilidade integral da obra em formato digital. Também nos certificamos de que uma obra de cada país tivesse autoria feminina, tanto para verificar se seria uma variável relevante de análise, quanto para garantir uma distribuição igualitária de gênero dentro dessa categoria. Esse esforço é importante, pois as obras femininas são frequentemente desconsideradas no cânone.

As gramáticas de nosso corpus foram compiladas através de uma parceria com outras universidades, a UBA (Universidad de Buenos Aires) e a UCO (Universidad de Córdoba). As duas obras argentinas foram selecionadas da Biblioteca de Gramáticas Escolares Argentinas (BIGEA), uma base de dados com obras publicadas entre os séculos XIX e XX (García Folgado, Lidgett e Toscano y García, 2020), enquanto as chilenas nos foram concedidas pelo projeto

Hispanagrama, da UCO. Abaixo, apresentamos em formato de lista as gramáticas escolhidas. As duas primeiras são chilenas e as demais, argentinas:

- *Compendio de gramática castellana para el uso de las escuelas i colejos de la república* (1881) – Hersilia Larenas de Herrera;
- *Elementos de gramática castellana* (1895) – Carlos Contreras Puebla;
- *Lecciones de lengua nacional arregladas al programa oficial para las escuelas comunes* (1887) – Francisca Soler de Martínez;
- *Gramática de la lengua castellana: ampliación sintáctica* (1887) – Ricardo Monner Sans.

3.2 Metodologia de análise

Nesta seção, descrevemos a análise do conteúdo referente aos pronomes pessoais nas quatro gramáticas selecionadas. Analisamos o parágrafo inicial da seção de pronomes, dentro do capítulo de Morfologia ou similares, visando encontrar alguma enumeração que já contivesse *usted* ou *vos*. No caso de obras que apresentavam informação adicional sobre os pronomes no capítulo de Sintaxe, buscamos tópicos que tratassem do emprego de *vos* e *usted*.

A gramática de Monner Sans (1893) foi a única entre as quatro obras que possuía digitalização através de OCR. Essa funcionalidade permitiu que encontrássemos todas as instâncias de emprego dos pronomes *usted* e *vos*, que foram os termos pesquisados, incluindo em frases de exemplo de outros tópicos gramaticais. Nas demais gramáticas, realizamos apenas uma busca guiada pelo índice. Esse mesmo processo foi também realizado com as três gramáticas citadas como referência pelos autores: a *Gramática* de Andrés Bello (1847), a da RAE, em sua edição de 1880 e a de Olegario Reyes (1868).

Os resultados encontrados foram separados inicialmente por país de publicação e posteriormente por outros critérios, como a década de publicação. Além disso, analisamos brevemente as gramáticas citadas como fonte. Em ambos os casos, visamos encontrar pontos de convergência na descrição e prescrição das formas pronominais de tratamento.

4 Resultados

Apresentamos, nesta seção, os resultados da análise das gramáticas de nosso corpus, já comparados sob os critérios citados na seção anterior.

4.1 Comparação por país de publicação

A primeira característica que parece diferenciar as gramáticas argentinas das chilenas no *corpus* que compilamos é a presença da definição de *usted* como um pronome. Apenas as gramáticas argentinas o fazem. Nosso critério foi que se utilizasse a construção “*el pronombre usted*” ou outra similar (“*Usted es un pronombre que...*”). Os dois autores classificam *usted* como pronome ao explicar sua diferença característica entre seu valor de segunda pessoa e sua conjugação de terceira:

Quadro 1. Comparação entre as gramáticas argentinas.

Soler de Martínez (1887)	<i>Los pronombres vos y usted ofrecen la particularidad de que el primero sólo se usa cuando nos dirigimos á personas que tienen tratamiento, y el segundo, que aun cuando es de segunda persona, pues sustituye el nombre de la persona á que se habla, pide el verbo en tercera persona.</i>
Monner Sans (1893)	<i>Conviene tener presente que, aunque los pronombres usted y ustedes pertenecen a la segunda persona cuando desempeñan funciones de sujetos, piden que se coloque el verbo en tercera persona, ya de singular, ya de plural.</i>

Fonte: elaborado pela autora.

Essa informação referente à diferença entre o uso e as conjugações aparece nas duas principais gramáticas citadas à época (Bello, 1847 e RAE, 1880), sendo que apenas na gramática acadêmica se define *usted* como um pronome (Real Academia Española, 1880, p. 218). Bello o classifica como um título, similar a *Vuestra Excelencia*, *Vuestra Majestad* (Bello, 1847, p. 63). Podemos considerar, portanto, que, no que diz respeito à classificação de *usted* como pronome,

Soler de Martínez (1887) e Monner Sans (1893) aproximam-se mais da definição proposta pela gramática acadêmica.

As gramáticas argentinas analisadas coincidem por trazer frases de exemplo com a forma *usted*. Cabe ressaltar, porém, que Soler de Martínez (1887) apenas os emprega ao exemplificar como deveria ser usado seu material. Já na gramática de Monner Sans (1893), como vimos, abundam os exemplos que contém *usted*. Outro ponto em que as obras se diferenciam é na menção ao *vos* com valor reverencial; apenas a gramática de Soler de Martínez (1887) contém essa informação (p. 102).

As gramáticas chilenas coincidem nos mesmos três pontos em que se diferenciam das argentinas. Em primeiro lugar, ambas as gramáticas descrevem que o uso de *tú* substitui o de *usted*; em segundo, se mencionam os contextos de uso dessa forma e, terceiro, mencionam o valor reverencial de *vos*, algo que só aparece em uma das gramáticas argentinas analisadas. No Quadro 1, vemos como a substituição de *tú* por *usted* é descrita em cada gramática:

Quadro 2. Trechos sobre uso de *usted* em lugar de *tú* nas gramáticas chilenas.

Larenas de Herrera (1881)	<i>En lugar de tú, se usa usted, cuando hablamos con aquellas personas con quien no tenemos familiaridad.</i>
Contreras Puebla (1895)	<i>En lugar de tú, se usa vos en señal de respeto, dirigiéndose á Dios, á una alta corporación, ó en los diálogos de comedias para evitar la repetición del empalagoso usted: «¡Oh, Dios mío! Vos sabéis que soy inocente...». – «A vos, soberano Congreso, me dirijo...»</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, enquanto Larenas de Herrera (1881) resume o emprego de *usted* ao seu valor de cortesia e distanciamento, no caso de Contreras Puebla (1895), infere-se que já se faz essa substituição quando este propõe o emprego de *vos* para que não se use tanto essa forma. A definição da primeira autora coincide quase palavra por palavra à de Olegario Reyes (1868). De todo modo, são trechos que indicam a substituição de *tú* por *usted*. É também nesses fragmentos que se encontra a segunda diferença mencionada. Os dois parágrafos trazem os contextos específicos em que se deve empregar *usted*. Tal informação aparece em duas das

três gramáticas citadas como fonte. Por fim, as duas gramáticas mencionam o valor reverencial do pronome *vos*, sendo a fonte mais provável de ambos, a gramática de Andrés Bello (1847).

4.2 Comparação por década (1880 e 1890)

Coincidentemente, as gramáticas publicadas na década de 1880 foram elaboradas por mulheres, enquanto as da década de 1890 tiveram como autores homens. Dessa forma, a análise subsequente também inclui os resultados de uma comparação com base no sexo dos autores, uma vez que, conforme será exposto nos parágrafos seguintes, não se observou um padrão de características que permitisse associar as diferenças às décadas em questão ou às questões de gênero.

As gramáticas publicadas na década de 1880 (Soler de Martínez e Larenas de Herrera), quanto ao conteúdo referente aos pronomes de tratamento, coincidem apenas na menção ao valor reverencial do pronome *vos*, feita possivelmente tomando a gramática de Andrés Bello como base para tal. Já as gramáticas publicadas na década de 1890 (Monner Sans e Contreras Puebla) coincidem em apresentar frases-exemplo contendo *usted* com valor de pronome e por especificar os contextos de uso dessa forma de tratamento.

A diferença fundamental entre essas duas obras é que apenas na de Contreras Puebla (1895) há um juízo de valor negativo sobre o uso de *usted*. Melhor dizendo, esta é a característica que diferencia a gramática de Contreras Puebla de todas as analisadas neste trabalho, até mesmo daquelas usadas como fonte. Ao empregar o adjetivo “*empalagoso*” para referir-se a essa forma, o autor parece indicar uma avaliação social ainda negativa para o seu emprego, ainda que já estivesse bastante difundido.

Não se sabe, tendo em conta apenas essa gramática, se essa opinião era popular durante a época de sua publicação. No entanto, tendo em conta que os manuais mais citados da época não continham tal repreensão, é seguro dizer que muito provavelmente a visão negativa da forma *usted* se limitava a um grupo mais purista, que ainda via nessa forma a sua versão não sincopada, “*vuestra merced*”. Tal hipótese teria por respaldo o fato de que Contreras Puebla (1895) usa *usted* como pronome em seus exemplos, descreve a substituição de *tú* por essa forma e seus contextos de uso, mas não o classifica como pronome em nenhum momento.

5 Considerações finais

Nossa pesquisa alcançou todos os objetivos estabelecidos, tanto os mais gerais quanto os específicos. Além disso, cumprimos a proposta de comparar diatopicamente a descrição e a prescrição do uso das formas de tratamento entre as gramáticas desses dois países. Como esperávamos, o *usted* apareceu com grande frequência nas obras analisadas e o *vos* apareceu mais com seu valor reverencial do que com o familiar, ainda que as obras tenham sido publicadas em países já *voseantes*.

Os resultados desta pesquisa indicam cenários similares em termos de pensamento gramatical e publicação de gramáticas, porém com certas diferenças entre o Chile e a Argentina do século XIX. Em termos de prática linguística, o *voseo* já era verificado como um uso corrente nos dois países (Rosenblat, 1960; Branza, 2012), porém houve, no Chile, uma repressão mais forte, a ponto de resultar em um cenário em que tal uso caísse significativamente e voltasse a competir com o emprego de *tú* para o tratamento de segunda pessoa do singular (Kany, 1994, Moreno de Alba, 2001).

Já na Argentina, por outro lado, ainda que também tenha existido uma reprovação ao *vos* não reverencial aí usado, essa opinião negativa parece não ter sido convertida em uma quantidade significativa de ações que impedissem o uso do *vos* pelos falantes. Por outro lado, a elaboração de compêndios de gramática foi tendendo cada vez mais a deixar a gramática de Andrés Bello para citações pontuais e usar como fonte principal a gramática produzida pela Real Academia Espanhola, provavelmente devido à origem espanhola dos professores.

A criação de uma identidade nacional não parece ser suficientemente forte para provocar obrigatoriamente uma ruptura de pensamento gramatical e normativo, podendo inclusive gerar o efeito contrário: empregar as formas linguísticas consideradas "corretas" seria o "certo" a se fazer para construir uma boa nação; isso porque não necessariamente os gramáticos americanos viam os usos recomendados pelas gramáticas ou pela academia como "usos espanhóis", mas sim como "usos corretos", independente de nacionalidade.

Quanto ao registro das formas de tratamento nas gramáticas chilenas e argentinas, foi possível observar que a estabilidade do emprego de certas formas, especialmente de *usted*, se reflete na frequência com que elas aparecem nas gramáticas, seja em exemplos ou explicitamente sendo nomeadas como pronome. Para os usos regionais, os movimentos de

identidade nacional não se mostraram influentes no sentido de que haveria orgulho em empregá-los.

Há de se pensar que o pensamento linguístico hegemônico nesse momento ainda era de um prescritivismo muito forte, em que usos particulares são documentados para orientar à sua correção e que avaliam negativamente até mesmo formas já consolidadas e bem-vistas por instituições de referência na língua espanhola. O valor da identidade nacional não foi nulo, no entanto. A diferença observada entre as gramáticas argentinas e chilenas passou pela documentação (ou ausência dela) do *voseo* próprio desses países.

A escolha de uma periodização caracterizada ao mesmo tempo pela consolidação no uso dos pronomes e pela transição em seu registro mostrou-se fortemente produtiva. Os dados aqui levantados dialogam diretamente com outros estudos previamente desenvolvidos e têm potencial para que sejam novamente trabalhados, expandidos e replicados em pesquisas futuras. Temos certeza de que, com um *corpus* maior e acesso a mais materiais, é possível refinar essa proposta de linha do tempo e contribuir ainda mais com a história da documentação de usos tão importantes que fazem parte da língua espanhola.

Referências

ALVAR, M. **Manual de dialectología hispánica**. Barcelona: Ariel Lingüística, 1996.

BARGALLÓ ESCRIVÁ, M. La gramática escolar chilena a principios del siglo XX: El Tratado elemental de análisis lógico de la proposición castellana (1916) de Carlos Vicuña Fuentes. **Boletín de Filología**, v. 56, n. 2, p. 209-239, 2021. <https://doi.org/10.4067/S0718-93032021000200209>.

BELLO, A. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos**. Santiago de Chile: Imprenta del Progreso, 1847.

BELLO, Andrés. Advertencias sobre el uso de la lengua castellana dirigidas a los padres de familia, profesores de los colegios y maestros de escuela. In: LENZ, Rodolfo; BELLO, Andrés; OROZ, Rodolfo. **El español en Chile**. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Instituto de Filología, 1940. p. 49–80.

BIERITZ, A. M. Las formas de tratamiento en el español de Chile. **Boletín AEPE**, v. 14, n. 27, p. 73–77, 1982.

- BRANZA, M.-D. La variación 'circular': la diacronía del voseo chileno y las causas de su actual difusión. **Colindancias: Revista de la red de Hispanistas de Europa Central**, n. 3, p. 141–153, 2012.
- CALDERÓN CAMPOS, M. Formas de tratamiento. In: ALEZA IZQUIERDO, M.; ENGUITA UTRILLA, J. M. **La lengua española en América: normas y usos actuales**. 1. ed. Valência: Universidade de Valência, 2010. p. 225-236.
- CARRICABURO, N. **Las fórmulas de tratamiento en el español actual**. Madri: Arco Libros, 1997.
- CHÁVEZ FAJARDO, S. **Diccionarios del fin del mundo**. Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica, 2022.
- CONTRERAS PUEBLA, C. **Elementos de gramática castellana**. Santiago: Imprenta y encuadernacion Roma, 1895.
- ECHEVERRÍA Y REYES, Aníbal. **Voces usadas en Chile**. Santiago: Imprenta Elzeviriana, 1900.
- FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. El voseo en Buenos Aires en las dos primeras décadas del siglo XIX. **Thesaurus: Boletín del Instituto Caro y Cuervo**, v. 26, n. 1, p. 495-514, 1971.
- FREITAS, Fernanda Silva. **As formas de tratamento nas gramáticas escolares espanholas: uma análise diacrônica**. 2022. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.
- GALISON, P. **How experiments end**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- GALISON, P. **Image and logic: a material culture of microphysics**. Chicago: University of Chicago Press, 1997. <https://doi.org/10.29173/istl1396>.
- GALLO, E.; CORTÉS CONDE, R. **Argentina, la república conservadora**. Buenos Aires: Hyspamerica, 1986.
- GARCÍA FOLGADO, M. J.; LIDGETT, E.; TOSCANO Y GARCÍA, G. Bibliografía de la gramática escolar argentina [BIGEA] (1810-1922). **Boletín de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística**, n. 14, p. 159-181, 2020.
- GARCÍA MEROU, J. **Leyes, decretos y resoluciones sobre instrucción superior**. Buenos Aires: Taller tipográfico de la Penitenciaría Nacional, 1901.
- GONZÁLEZ JIMÉNEZ, J. M. Educación y gramática escolar en Chile en el siglo XIX: Claves externas. **Lingüística**, v. 39, n. 1, p. 11–30, 2023.
- KANY, C. E. **Sintaxis hispanoamericana**. Madri: Editorial Gredos, 1994.

LAPESA, R. **Las formas verbales de segunda persona y los orígenes del "voseo"**. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE HISPANISTAS, 3., 1970, México. *Actas...* México: El Colegio de México, 1970. p. 519–531.

LARENAS DE HERRERA, H. **Compendio de gramática castellana para el uso de las escuelas i colejos de la republica**. 2. ed. Santiago: Imprenta de la republica, de J. Nuñez, 1881.

LIDGETT, E. La consolidación de un modelo gramatical escolar en la enseñanza secundaria argentina (1863-1936). *Boletín de Filología*, v. 52, n. 2, p. 119-145, 2017. <https://doi.org/10.4067/S0718-93032017000200119>.

LIPSKI, J. M. **El español de América**. 7ª. ed. Madri: Cátedra, 2011.

MONNER SANS, R. J. V. **Gramática de la lengua castellana: Ampliación Sintáctica**. Rosario: Imprenta, Litografía y Encuadernación de J. Peuser, 1893.

MORENO DE ALBA, J. G. **El español en América**. 2. ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

OLEGARIO REYES, J. **Compendio de Gramática Castellana compuesto y arreglado a las doctrinas de la gramática del Sr. D. Andrés Bello**. Buenos Aires: Imprenta de Pablo Coni, 1868.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Gramática de la Lengua Española**. Madri: Gregorio Hernando, impresor y librero de la Real Academia Española, 1880.

RIVADENEIRA VALENZUELA, M. J. L.; CONTRERAS GUTIERREZ, A. M.; CONTRERAS SEITZ, M. E. Variación diacrónica de las formas de tratamiento en el español de Chile. Una propuesta de estudio. *Estudios filológicos*, n. 61, p. 97–124, 2018. <https://doi.org/10.4067/S0071-17132018000100097>.

ROSENBLAT, A. Las generaciones argentinas del siglo XIX ante el problema de la lengua. *Revista de la Universidad de Buenos Aires*, v. 5, p. 543–595, 1960.

SALVÁ, V. **Gramática de la lengua castellana según ahora se habla**. Valencia: Librería de los SS. Mallén y Sobrinos, 1835.

SOLER DE MARTÍNEZ, F. **Lecciones de Lengua Nacional arregladas al programa oficial para las escuelas comunes**. 2. ed. Buenos Aires: Igon Hermanos, 1887.

SWIGGERS, P. **Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística. Nuevas Aportaciones a la Historiografía Lingüística**. In: CONGRESO DE LA SEHL, 4., 2004, La Laguna. *Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística*. La Laguna: [s.n.], 2004. p. 113–146.

SWIGGERS, P. La historiografía lingüística: puntos y reflexiones. *RAHL*, v. 1, n. 1, p. 67-76, 2009.

SWIGGERS, P. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluencia: Revista do Instituto de Língua Portuguesa**, n. 44, p. 39-59, 2013.

TEDESCO, J. C. **Educación y sociedad en la Argentina (1880-1995)**. 1ª. ed. Cidade Autônoma de Buenos Aires: UNIPÉ - Editorial Universitaria, 2020.

TISCORNIA, E. F. **La lengua de Martín Fierro**. Buenos Aires: Instituto de Filología, 1930.

TORREJÓN, A. Acerca del Voseo Culto de Chile. **Hispania**, v. 69, n. 3, p. 677-683, 1986. <https://doi.org/10.2307/342781>.

VALENCIA ESPINOZA, A. El legado de tres maestros: Lenz, Oroz y Rosales. **Revista de lingüística teórica y aplicada**, n. 31, p. 137-162, 1993.

VIDAL DE BATTINI, B. E. **El español de la Argentina**: la región lingüística rioplatense en el período 1810-1840. In: JORNADAS DE HISTORIA Y LITERATURA RIOPLATENSE Y DE LOS ESTADOS UNIDOS, 2., 1967, Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires: [s.n.], 1967.

WEINBERG, F. Juan Cruz Varela, crítico de la literatura nacional. **Boletín de Literatura Argentina**, v. 1, n. 1, p. 36-37, 1964.

ZAMORANO AGUILAR, A. Las nociones prácticas de Isabel Guzmán de Bressler (Lima 1876) y el compendio de Hersilia Larenas de Herrera (Santiago de Chile 1881): dos modelos teóricos distintos de gramatización y enseñanza del español en América Latina. **Lingüística/Lingüística**, v. 39, n. 1, p. 161-182, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/2079-312X.20230008>.

Recebido em: 28.07.2025

Aprovado em: 10.02.2026